

Luísa Sonza expõe seus pesadelos sem filtro

PÁGINA 3



'Tá Escrito' é promessa de blockbuster

PÁGINA 8



Cinco estilos de ceia para fazer o seu Natal mais feliz

PÁGINA 16



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

O Nego Véio faz a festa

Alexandre Pires volta ao Rio com show em que canta sucessos do sertanejo, forró, axé music e, é claro, do pagode

Com a agenda sempre lotada, Alexandre Pires segue na estrada com o caloroso "O Baile do Nêgo Véio 2", um dos mais bem-sucedidos projetos da sua carreira solo. O cantor explora seu lado showman numa apresentação com cenografia, luzes e efeitos especiais impecáveis. O espetáculo está de volta ao Rio nesta sexta-feira (15) no Qualistage.

Com direção musical de Pedro Ferreira, cenografia de Zé Carratu e iluminação por Leandro Silveira, a performance tem duração de três horas e conta com inúmeras trocas de figurino. Alexandre Pires, que assina a direção artística, selecionou a dedo repertório com mais de 40 verdadeiros canções que estão na boca do povo e mexem com a

memória afetiva do público num resgate de sucessos de diversos gêneros musicais como axé music, sertanejo, forró, além, é claro, do pagode que o consagrou.

Por isso não ficam fora do repertório clássicos do cantor e do Grupo Só Pra Contrariar como "Mineirinho", "Depois do Prazer" e "Essa Tãl Liberdade", escolhidas a dedo pelo artista e que relembram diversas fases de sua carreira.

A turnê estreou em fevereiro de 2020, já percorreu diversas cidades dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Paraná, Goiás e Acre.

Além do sucesso no Brasil, Alexandre construiu sólida reputação no mercado da música internacional, sobretudo na América Latina latino onde superou a marca de 18 milhões de discos vendidos.

Alexandre Pires iniciou sua carreira no final dos anos 1980, liderando o grupo Só Pra Contrariar que conquistou uma vasta audiência. Após anos de sucesso ao lado do SPC, começou a carreira a solo em 2001, da qual resultaram hits como "Você Tirou Minha Vida", "Necessidade" e "É Por Amor". Já em 2003, conquistaria um novo nível de reconhecimento internacional ao ser convidado por George W. Bush, então presidente dos EUA, para cantar na Casa Branca no mês em que se comemora a Descendência Hispânica no país. Desde então, o cantor tem lançado inúmeros trabalhos que renderam vários sucessos, como "Eu Sou O Samba" com participação de Seu Jorge e "Sissi".

SERVIÇO

ALEXANDRE PIRES - BAILE DO NEGO VÉIO
Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca)
15/12, às 21h30
Ingressos a partir de R\$ 160

A turnê, iniciada em 2020, já percorreu quase todo o Brasil e está de volta à cidade neste sábado



Divulgação

CORREIO CULTURAL

Divulgação



A acolhedora praça recebe mais uma *Carioquíssima*

Feira *Carioquíssima* ocupa a Praça Paris sábado e domingo

O Natal está chegando e a *Carioquíssima* vai realizar sua tradicional edição para as compras de presentes criativos e artesanais neste sábado e domingo (16 e 17), na Glória. A feira levará seu time de expositores de moda, gastronomia, artesanato, espaço kids, tatuagem e muito mais – além de música boa, com DJs e shows –,

tudo isso com entrada gratuita e muito contato com a natureza.

Conhecida pela sua vibe carioca e por ser um programa para toda a família (inclusive os pets), a *Carioquíssima* encerra o ano em grande estilo: “Em 2023 completamos nove anos com números expressivos”, festeja Nathalie Al Jalali, produtora do evento.

Sempre Rita Lee

O Culto bar, em Botafogo, reabre após grande reforma com a 5ª edição da festa “Baila Comigo”. Os DJs Kamille Viola e os irmãos Luiza e Guilherme Scarpa tocam hits do pop e do rock na reabertura da casa, nesta sexta (15), celebrando Rita Lee.

Sem consulta

Adriane Galisteu diz que não foi procurada pela equipe da série “Senna” (Netflix) e que não sabe como será retratada na produção. Eles namoraram por cerca de um ano até a morte do piloto em 1994. “Não sei que história eles vão contar”, lamenta.

Moraes completo

A discografia de Moraes Moreira, enfim, chegou ao streaming. Com a adição de 14 álbuns em sua página nos serviços de streaming, Moraes Moreira passa a ter todos os seus discos disponíveis para audição nas plataformas digitais.

Bombando

A novela brasileira “Chiquititas”, produzida pelo SBT e lançada em 2013, entrou na lista de produções mais vistas na Netflix no primeiro semestre deste ano no país. O programa aparece na 38ª posição do ranking divulgado pela companhia.

Priscila Prade/Divulgação



Vanessa da Mata mostra neste sábado as canções de seu disco mais recente, gravado em 2021

Vanessa da Mata vem doce

Assucena abre a noite no Circo Voador com seu ‘Lusco-Fusco’

Natalia Mitie/Divulgação

Vanessa da Mata volta ao Rio neste sábado (16), às 23h, no Circo Voador o espetáculo “Vem Doce”, que reúne músicas do seu recém-lançado décimo álbum e clássicos pinçados de seus 20 anos de carreira. um dos destaques desta turnê são os cenários do show, inspirados por grandes nomes do Modernismo brasileiro, como Oswald de Andrade, Lina Bo Bardi, entre outros. A baiana Assucena abre a noite mostrando seu primeiro álbum solo e autoral.

“Esse disco tem uma abordagem meio geral, eu me sinto uma cronista, com crônicas musicadas. Os temas são completamente planejados e juntados de acordo com o que eu acho que é o todo do disco”, disse Vanessa à época do lançamento do trabalho.



Assucena

A proposta inicial não era gravar um disco, e sim quatro canções, que seriam registradas num EP. Dentro do estúdio, porém, Vanessa não resistiu à vontade de am-

pliar o trabalho e gravou músicas compostas em algumas parcerias e, de quebra, compôs mais coisa. “Esse é meu estilo de fazer música. Cheguei lá e já estava com algumas ideias na cabeça. Aí foi só colocar em prática e gravar”, disse.

No total, já eram 21 canções gravadas. “Aí o trabalho era cortar e selecionar as que entrariam no disco”, conta Vanessa, que optou pelo viés romântico, algumas situações corriqueiras da vida e uma pitada de crítica social (como se ouve nas faixas “Foíce”, “Gêmeos” e “Face avesso”).

Antes de Vanessa subir ao palco, a plateia do Circo terá a oportunidade de conferir a nova face do trabalho de Assucena, que lançou seu primeiro álbum depois de deixar o grupo As Baías e a Cozinha Mineira.

Inspirada pelas paisagens coloridas que pintam o céu durante o crepúsculo e pela diversidade de gêneros e estéticas que compõem a música brasileira, a cantora e compositora baiana lançou em setembro seu primeiro álbum solo autoral, “Lusco-Fusco”, com a produção musical de Pupillo e Rafael Acerbi e direção artística da própria Assucena ao lado da cantora Céu.

Acompanhada pelo multi-instrumentista Rafael Acerbi (violão/guitarra/beats), Assucena apresenta em seu show todas as cores e cantos que compõem seu álbum assim como releituras de canções consagradas da MPB que marcaram sua formação musical, com destaque para a obra de Gal Costa. No repertório, as músicas autorais desse álbum como “Menino Pele Cor de Jambo”, “A Última quem Sabe”, “Quase da Cor dos seus Olhos”, “Nu” e “Reluzente”, por exemplo, e ainda uma homenagem à Gal Costa com “Mal Secreto”, “Vapor Barato” e “Baby”.

SERVIÇO

VANESSA DA MATA - VEM DOCE (Abertura: Assucena - Lusco Fusco)
Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)
16/12, a partir das 22h
Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

Luísa Sonza expõe seus pesadelos

Cantora e compositora mostra seu lado mais sombrio em 'Escândalo Íntimo' neste sábado no Qualistage

Em curto espaço de tempo, Luísa Sonza foi do êxtase à depressão com um relacionamento amoroso. Seus sentimentos mais sombrios se fizeram canção em "Escândalo Íntimo", seu terceiro álbum de estúdio. "É uma viagem ao meu subconsciente", admite a jovem cantora e compositora gaúcha que se apresenta neste sábado (16) no palco do Qualistage, na

Barra da Tijuca.

Composto por 24 faixas, o trabalho tornou-se um álbum visual representando um processo de psicanálise pelos seus sonhos mais sombrios. Acabou por tornar-se o projeto mais ousado de Luísa, que se expôs como nunca fizera antes.

Das 24 faixas, 18 já estão disponíveis. As restantes serão desbloqueadas aos poucos, assim como os visuais, que, juntos,



Reprodução YouTube

Luísa Sonza (ao centro) em cena de seu álbum visual 'Escândalo Íntimo'

fazem parte de um curta-metragem. A primeira apresentação ao vivo aconteceu no palco The Town, em São Paulo, em setembro.

A cantora deu início ao projeto logo após encerrar a turnê Doce22, no fim do ano passado. A ideia era que o novo álbum descrevesse todas as fases de um

relacionamento amoroso, do início ao fim. Mas, ironicamente, no melhor momento de sua carreira, Luísa viveu um dos períodos mais difíceis de sua saúde mental com o fim de um relacionamento afetivo. Dominada por pensamentos de autossabotagem, crises de pânico, sonhos sombrios. Foi então que a cantora desabafou com seu parceiro Flávio Verne, coreógrafo e diretor criativo.

E Escândalo Íntimo é um filme, um álbum visual, que vai contar uma história de amor que se entrelaça com a jornada de amadurecimento de Luísa. "As faixas acabaram se tornando trilhas sonoras para os filmes da minha cabeça", revela a cantora.

SERVIÇO

LUÍSA SONZA - ESCÂNDALO ÍNTIMO

Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca)

16/12, às 21h

Ingressos a partir de R\$ 180

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Ritchie em festa

Ritchie retorna aos palcos cariocas nesta sexta-feira (15) com o show "A Vida Tem Dessas Coisas", para comemorar os 40 anos de lançamento do seu álbum "Voo de Coração". Será na Arena Jockey e o britânico de alma carioca promete surpresas. No repertório, as clássicas "A Mulher Invisível", "Casanova", "Pelo Interfone", "Transas", a imortal "Menina Veneno" e "A Vida Tem Dessas Coisas", que dá nome ao show de alta tecnologia.

Divulgação



Canto coral

Nesta sexta-feira (15) tem sequência a programação de Natal do projeto Música no Museu. O Madrigal Cruz Lopes entoa as mais consagradas canções de Ave Maria no auditório do Espaço Cultural Sesc, no Flamengo. Suas 37 vozes (13 sopranos, 11 contraltos, 8 tenores e 5 barítonos) cantam de músicas renascentistas a samba-canção, passando por compositores como Franz Schubert, Gounod/Bach e Heitor Villa-Lobos.

Divulgação



Pop na Fundição

Armandinho chega ao palco da Fundição Progresso neste sábado (16) com sua mistura de pop com reggae, rock, surf rock e pitadas de romantismo. A abertura fica por conta do duo Benziê, que aquece o palco Arena com seu pop leve com mensagens de boas vibrações. O cantor e compositor gaúcho promete tocar as canções que seu público tanto gosta como "Desenho de Deus", "Outra Vida", "Casinha" e "Ana Lua".

Felipe Diniz/Divulgação



Música de atitude

O trombonista, cantor e compositor Josiel Konrad sobe ao palco do Explorer Bar, em Santa Teresa, para apresentar seu novo álbum, "Boca no Trombone", neste domingo (17), às 18h. Cria da Baixada Fluminense, o artista usa sua música como ferramenta de crítica social sobre os desafios da região em meio ao descalço das autoridades. Ao mesmo tempo, exalta o poder da sua população e seus talentos.

O brilho eterno do eterno beatle

Paul McCartney chega ao Rio com o aguardado show da turnê 'Got Back'

Por Lucas Brêda (Folhapress)

Os Beatles não inventaram o rock, a indústria fonográfica e nem o sucesso de massa. Mas foram pioneiros e estão entre os maiores representantes de tudo isso. O quarteto popularizou o estilo criado a partir do blues negro americano que ouviam quando adolescentes e transformou o fonograma — ou seja, a música gravada — no principal veículo de expressão musical quando pararam de fazer shows e lançaram “Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band”, em 1967. Também protagonizaram a

beatlemania, primeiro e até hoje um dos maiores fenômenos pop do mundo.

Esse é apenas um recorte da bagagem que carrega o nome de Paul McCartney, beatle remanescente que faz mais uma turnê no Brasil este mês. Depois de shows em Brasília e São Paulo e Curitiba, ele se apresenta neste sábado no Estádio Nilton Santos, o Engenhão.

Até a década passada, ver McCartney por essas bandas era raridade. De lá para cá, ele fez dezenas de shows no país, e mesmo tantos anos depois de seu auge consegue mobilizar uma



Paul durante show da última semana em São Paulo

quantidade de público.

O show da turnê “Got Back” traz pouquíssimas novidades em relação às últimas vezes que o beatle esteve no Brasil. As falas em português, os comentários de apresentações das canções, a plataforma que o eleva em “Blackbird”, as homenagens a John Lennon em “Here Today” e a George Harrison em “Something”, o fogo em “Live and Let Die”, os coros masculino e feminino em “Hey Jude” — tudo

permanece como nas vezes anteriores.

Mas talvez a faceta mais ressaltada de seu show seja a de compositor. No piano, violão, guitarra, bandolim ou, claro, baixo, Macca distribui melodias que sempre encontram um caminho doce para os ouvidos — mesmo quando estão “escondidas” por trás de guitarras distorcidas, como em “Jet”, dos Wings.

Aos 81 anos, McCartney

também não é mais o mesmo. Ele sofre um pouco mais do que nas últimas vindas para cantar as músicas mais agudas e gritar está mais difícil, mas ainda assim consegue segurar um show de 2h30 praticamente sem pausas.

Sua persona carismática, que vem dos anos 1960, também continua presente. Ele fez caras e bocas, dança, agradece a plateia. De certa forma, ver McCartney no palco é entender como a música atravessa gerações e barreiras etárias e estéticas. Talvez seja o show desta proporção com a plateia mais ampla em termos de idade que se possa imaginar — há pessoas com idade para ser bisavós e crianças com camiseta dos Beatles nos ombros dos pais.

SERVIÇO

PAUL MCCARTNEY - GOT BACK

Estádio Nilton Santos - Engenhão (Rua José dos Reis, 425 - Engenho de Dentro)

16/12, às 21h

Ingresso: R\$ 650 (pista)

CRÍTICA / DISCO / VOZ DA TABA

Patrícia Bastos, a voz da Amazônia

Por Aquiles Rique Reis*

Ainda sob o impacto dos recentes episódios climáticos extremos no Brasil, recebi “Voz da Taba” (independente, com apoio Proac-SP), o novo álbum físico (também digital nas plataformas de música) da cantora macapaense Patrícia Bastos. Ao me ver diante de um libelo em defesa da Amazônia, me entusiasmei! Ouvindo o extravasar de amores à floresta, aos rios, às comunidades ribeirinhas, aos quilombos e aos povos originários, devaneei... é, de fato, o Brasil voltou!

Dizer que me emocionei é pouco — o que ouvi despertou-me a gana de gritar contra a destruição da Amazônia, que vem sendo metodicamente degradada por ações criminosas de desmatadores, garimpeiros e invasores ilegais de territórios indígenas.

Ao entoar canções criadas es-

pecialmente para o disco (que teve uma concepção musical exemplar do criativo Dante Ozzetti como produtor e arranjador), Patrícia Bastos se transformou em exemplo a ser seguido. Cantando os poetas amazônicos, ela comprova que música e poesia são armas transformadoras.

Chego a elucubrar e ousar sugerir à ministra Marina Silva que, num próximo encontro internacional sobre clima e meio ambiente, leve consigo Patrícia Bastos e alguns dos poetas presentes em Voz da Taba — eles que expuseram em versos o desespero de quem nasceu e vive naquelas terras. Mas isso já é outro papo.



Divulgação

Com participações especiais das vozes de Caetano Veloso, Ná Ozzetti, Ana Maria Carvalho, Fabiana Cozza, Alzira E, Ronaldo Silva e do piano de Cristóvão Bastos, Patrícia canta com força descomunal. Sua voz, afinada e emotiva, amparada pelos arranjos de Dante,

embute tal devoção que faz dela uma cidadã do mundo, a cantar pelo equilíbrio e pela preservação da natureza.

Com dicas de Dante Ozzetti, seguem as músicas que selecionei: cantada em duo por Patrícia e Caetano, “Jeito Tucuju” (Val Milhomem e Joãozinho Gomes), com arranjo onde brilham cordas e percussão, é um marabaixo. Com linda melodia, “Cobra Sofia” (Dante Ozzetti e Joãozinho Gomes) é um retumbão. No zouk “Espartano” suingam sax (Fernando Sagawa), trompete (Estefane Santos) e trombone (Deivide Souza), enquanto no cacicó “Maninha do Céu” (ambas de Paulo Bastos) vem

a brejeirice dançadeira de Patrícia. O boi do Pará “Bailarina da Águia Doce” (Ronaldo Silva) tem o baixo (Fi Maróstica) num efeito que ecoa como um lamento, sob a voz do autor a declamar os versos. Em “Voz da Taba” (Enrico Di Micelli e Salgado Maranhão), lundu indígena que titula o CD, Patrícia canta como um uirapuru-verdadeiro. Já “Yárica” (Cristóvão Bastos e Joãozinho Gomes), feita em homenagem à voz de Patrícia, soa bonito apenas com ela, piano e baixo acústico (Zeca Assumpção).

Finalizo com alguns versos de Joãozinho Gomes em “Jeito Tucuju”: “Quem nunca viu o Amazonas/ Jamais irá compreender a crença de um povo/ Sua ciência caseira/ A reza das benzedeiros, o dom milagroso”.

Para o mundo saber da Amazônia, só vindo aqui para sentir e crer.

*Vocalista do MPB e escritor

NATAL SESC

De 15 a 17/12

ESPETÁCULO EM VIDEO MAPPING
FACHADA DO CENTRO CULTURAL
SESC QUITANDINHA

Dia 15/12, a partir das 19h

CORAL MADRIGAL DA CRUZ - 19H
AUDITÓRIO DA FECOMÉRCIO RJ / FLAMENGO

**ORQUESTRA SINFÔNICA JOVEM
DO RIO DE JANEIRO (OSJRJ) - 19H**
TEATRO SESC ROSINHA DE VALENÇA / VALENÇA

SHOW BANDA DÓ RÉ MI E PADRE OMAR - 20H
PRAÇA SÃO SEBASTIÃO / TRÊS RIOS

Dia 16/12, a partir das 19h30

GABRIEL LOUCHARD - 19H30
SESC TERESÓPOLIS

**ORQUESTRA SINFÔNICA DE MULHERES
DO BRASIL E TRÊS SOPRANOS - 20H**
PRAÇA D. ERMELINDA / MIRACEMA

SHOW BANDA DÓ RÉ MI E PADRE OMAR - 20H
PRAÇA GETÚLIO VARGAS MATRIZ
SÃO JOÃO DE MERITI

Dia 17/12, às 20h

**ORQUESTRA SINFÔNICA DE MULHERES
DO BRASIL E TRÊS SOPRANOS**
SESC GRUSSAÍ

SHOW BANDA DÓ RÉ MI E PADRE OMAR
PRAIA DE COPACABANA / RIO DE JANEIRO

GABRIEL LOUCHARD
SESC SÃO JOÃO DE MERITI

Vem viver essa emoção.

Confira a programação completa em
NATALSESC.COM.BR
Programação sujeita a alterações sem aviso prévio.

sesc

Paulo-Roberto Andel

Ah, Gabriel...

Sou fã de Peter Gabriel desde garoto. Ao contrário de 99% dos fãs do Genesis, prefiro ele em sua carreira solo, que considero das maiores da história da música, explorando novas sonoridades e incorporando elementos étnicos do mundo inteiro. Mas o Genesis é o Genesis, reconheço. Também tem o seguinte: quando comecei ouvir a banda, Peter já tinha saído para a carreira solo. Eu comecei pelo Genesis já com Phil Collins nos vocais. Anos mais tarde é que retroagi aos álbuns da Era Gabriel.

Nos anos 1980, PG ganhou o mundo de lavada com seu álbum "So": fez os melhores clipes da época, como o do superhit "Sledgehammer", lotou a grade da MTV e foi um sucesso nas rádios do mundo inteiro. Justamente naquela época, após o primeiro Rock in Rio, a cidade virou referência para bandas de todas as partes. Antes, em 1988, Peter Gabriel se apresentou em São Paulo para um show da Anistia Internacional, ao lado de craques como Sting, Bruce Springsteen e outras feras. O Rio de Janeiro era um futuro palco óbvio, levou um tempo mas acabou acontecendo. Outubro de 1993, no maravilhoso Imperator no Méier.

Naquele tempo eu era estudante da UERJ e já comecei a fazer meus planos para ir para o show. Juntar meu dinheirinho de estagiário para comprar ingresso. Vivíamos um paradoxo: enquanto eu sonhava com um emprego para ajudar a família, sofriamos em casa com uma ação de despejo. A música e o futebol eram verdadeira morfina para mim.

Peter Gabriel ia tocar no Imperator numa segunda-feira à noite, acho, provavelmente por ser a única data disponível num buraco de agenda entre shows pela América do Sul. O que im-

porta é que seria maravilhoso vê-lo ao vivo, só que me aconteceu um problema inesperado: duas semanas antes da apresentação minha professora de Cálculo das Diferenças Finitas, a querida Mariluci, marcou prova decisiva para meus objetivos acadêmicos. Gele. Não dava pra ir ao show, voltar de madrugada e fazer a prova. Meu sonho tinha ido pro buraco.

Enfim, passou o fim de semana, chegou o dia, a grande noite de segunda-feira e eu não ia ao show. Fiquei me preparando para a prova. Estudei bastante, mas a cabeça estava no Imperator. Falo de 1993, um tempo sem vídeos, internet, nada.

Pela manhã, peguei meu ônibus 434, vou tranquilo para a UERJ bem cedinho, às seis da manhã, com tempo suficiente para chegar com calma e me posicionar para a prova. Ao chegar, vejo movimentações. De repente, Madalena, secretária da faculdade e diz que não teremos mais prova: a professora Mariluci adoeceu.

Me bateu mistura de tristeza, de raiva, de tudo que você pode imaginar. Claro, ninguém tem culpa de ficar doente, caso da professora, mas achei uma tremenda injustiça comigo. A turma da faculdade não entendeu direito, poucos sabiam quem era Peter Gabriel - a maioria estava ligada em axé music. Fui para a varandinha sozinho e provavelmente chorei.

Ficou uma lacuna para sempre. Peter Gabriel nunca mais se apresentou no Rio. Um mês depois, mudei de Copacabana contra a vontade. Trinta anos depois, não tenho nenhuma chance de morar no meu bairro eterno, mas pelo menos a internet ajuda: Peter Gabriel lançou novo álbum, "I/O", e lançou as faixas no Instagram. Dá pra ver tudo. São outros tempos, há algum consolo.

Por Olga de Mello
Especial para o Correio da Manhã

Dezembro, o mês que já começa de costas, está aí, trazendo a angústia dos encontros de fim de ano, amigo oculto, festa da firma, ceia da família. Além do persistente calor nesses tristes trópicos, a escolha de presentes é quase obrigatória. Apesar dos preços nem tão atraentes quanto em natais passados, ainda vale a pena fazer boa figura ofertando livros à manchieias. A primeira listinha de Natal segue aqui.

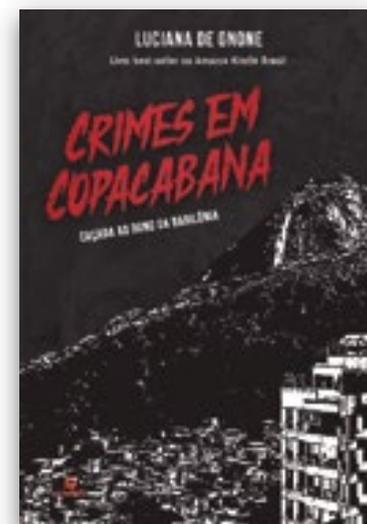
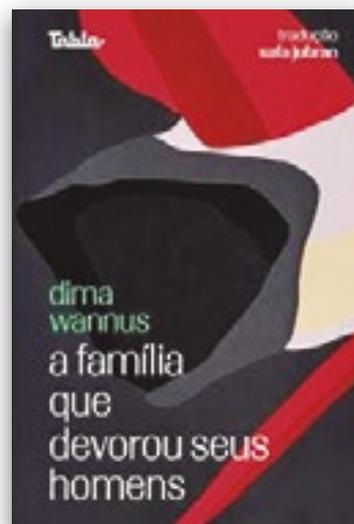
Para comparar com a produção que acaba de chegar à Netflix, *O mundo depois de nós* (Intrínseca, R\$ 49,90), do norte-americano Rumaan Alam, traz uma família hospedada em casa de praia isolada em férias perfeitas no momento exato de algum apocalipse no mundo real. Na segunda noite da temporada, o casal de classe média alta bem-sucedido que deixara Nova York com dois filhos adolescentes é surpreendido pela chegada dos donos da casa, à procura de um abrigo. Desconfiança e pequenos conflitos precisam ser deixados de lado enquanto todos procuram sobreviver sem informações por rádio, televisão ou internet, diante do quase total desaparecimento de outras pessoas. O título original – *Leave the world behind* (Deixe o mundo para trás) — descreve bem a inquietação que domina os personagens – e o leitor.

O perigo de estar lúcida (Todavia, R\$ 66,90), último ensaio da espanhola Rosa Montero também teve uma tradução de título melhor em Portugal – *O perigo de estar no meu perfeito juízo*, que exprime de maneira mais direta a relação entre des-

CRÍTICA / LIVROS

Lista de Natal

Fotos Divulgação



varios e criatividade, comum a muitos escritores. Essa estranheza que sempre reconheceu em si. Com pitadas de psicologia, fatos literários e autobiográficos, Montero volta a se expor para discorrer sobre a produção artística, sem romantizar a doença mental, afirmando que "Estar louco é, sobretudo, estar só."

A família que devorou seus homens (Tabla, R\$ 54,90), de Dima Wannus, parte da relação de uma filha adulta com sua mãe para tratar da diáspora do povo sírio, que se espalha pelo planeta e busca reencontrar a própria cultura nas memórias relatadas. A protagonista quer fazer um documentário sobre a mãe, que desafia suas lembranças, buscando as histórias de outras mu-

lheres. A narrativa fragmentada une tantas personagens no estilo poético e visceral da romancista e jornalista Dima, filha do dramaturgo Sa'dallah Wannus.

A WOOK

No início dos anos 1980, a inspetora Iolanda Braga é a única mulher na 12ª Delegacia do Rio de Janeiro, em Copacabana, onde precisa lutar contra o machismo dos colegas e buscar o bandido mais procurado da cidade. Crimes em Copacabana: caçada ao dono da Babilônia (Letramento, R\$ 42,90) é o sexto thriller da brasileira Luciana de Gnone. Radicada no Rio de Janeiro há 40 anos, Luciana sempre cria tramas protagonizadas por mulheres.

Lenda viva da animação japonesa emplaca um best-seller ilustrado ao mesmo tempo em que faz fortunas com 'O Rapaz e a Garça', desenho indicado ao Globo de Ouro



Hayao Miyazaki em entrevista em vídeo para o Festival de San Sebastián

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Em cartaz nas livrarias estrangeiras (e na Amazon) com “Shuna’s Journey”, livro ilustrado com cara de mangá hoje elevado ao status de best-seller, o animador japonês Hayao Miyazaki anda com a indústria do entretenimento na mão em sua volta aos holofotes, depois de quase uma década de hiato.

Aos 82 anos, ele recebeu esta semana uma indicação para concorrer ao Globo de Ouro de Melhor Longa de Animação, na cerimônia agendada para o dia 7 de janeiro, pela Hollywood Foreign Press Association (HFPA) com seu novo exercício autoral, “O Rapaz e a Garça”.

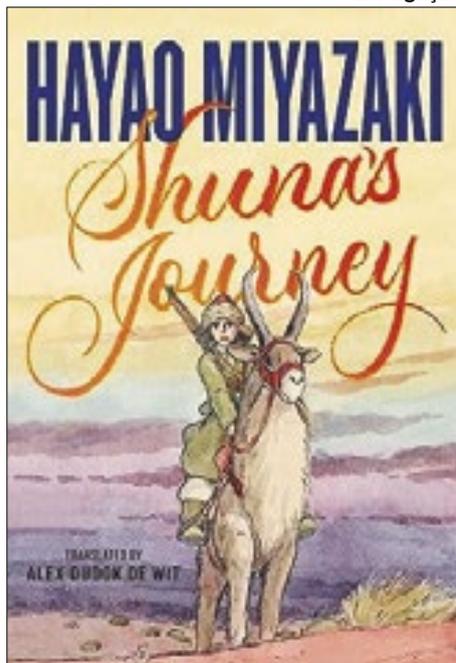
O endosso da associação de correspondentes estrangeiros de Los Angeles chegou na esteira do estrondoso sucesso de bilheteria de seu desenho animado, cuja arrecadação chegou a US\$ 97 milhões. Neste fim de semana pela pode chegar a US\$ 120 milhões, a julgar pelas apostas do mercado exibidor estrangeiro. Por aqui, a produção segue inédita.

Sua narrativa se escora na habilidade única de Miyazaki para incorporar situações melancólicas em contextos de aventura e tramas de autodescoberta. Vem sendo assim desde sua estreia na direção, em 1972, com o curta-metragem “O Sol de Yuki”.

Distante do circuito exibidor desde 2013, quando lançou “Vidas ao Vento”, o artesão maior da chamada japanimation regressa aos cinemas bem escudado por sua produtora, o Studio Ghibli, ao lançar “The Boy and The Heron” (nome em inglês de “O Rapaz e a Garça”). O título original era “How Do You Live”, pois havia uma suspeita de que a base do roteiro seria um livro homônimo, um romance de 1937 escrito por

Miyazaki nas alturas

Divulgação



Genzaburo Yoshino. Mas o Ghibli, por meio de uma reportagem da revista “Variety”, atestou que, embora Miyazaki seja um grande fã desse autor, a trama fala de outras questões ligadas a sequelas da campanha nipônica na II Guerra Mundial. Coube ao diretor abrir o Festival de San Sebastián com o longa, em setembro.

Na ocasião, pessoas fantasiadas de Totoro, o mais famoso personagem da fauna do Ghibli, amanheceram numa fila imensa, debaixo de uma garoa incessante, pra conferir a passagem do arrematador retorno de Miyaza-

ki ao écran. A espera e a chuva fria do evento espanhol foram compensadas com um exuberante exercício gráfico do ganhador do Oscar (e do Urso de Ouro de 2002) por “A Viagem de Chihiro”. É uma promessa para a estatueta da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, que o adora. Nele, vemos um enredo melancólico sobre a aceitação da finitude e a superação do luto, mas narrada com uma direção de arte muito colorida. Seu protagonista, o menino Mahito, muda-se para o interior do Japão, no fim dos anos 1930, após a perda de sua mãe, e lá é assombrado por uma garça falante que o arrasta para uma espécie de limbo. Pelicanos selvagens e uma horda de periquitos atacam o rapaz, que precisa aprender a se deixar amar para amadurecer

Há sempre cicatrizes da realidade histórica na obra do oscarizado diretor de “O Castelo Animado” (2004). Seus personagens são sempre signos de conflitos morais de sua pátria, vide o aviador Marco Porquinho, de “Porco Rosso”, ou a peluda criatura de “My Neighbor Totoro”, lançado em 1988.

Em meio a seu afastamento das longas, Miyazaki rodou um curta, “Boro The Caterpillar”, feito para ser exibida no parque temático do Ghibli, que adotou um sistema de marketing bastante inusitado para o lançamento do regresso de seu astro rei aos cinemas. Nada se falou, até os festivais de Toronto e de San Sebastián, sobre esse novo

filme. Nada se contou, nada se fez antecipar, e o cartaz dele se resume à imagem de um pássaro, sem qualquer conexão com a ideia antes divulgada de que seria uma trama sobre a educação sentimental de um rapaz. Seria e, de fato, é, pois esse é o eixo temático do cineasta, que sempre valorizou figuras corajosas e empoderadas de jovens mulheres como protagonistas, a jogar por sua princesa Mononoke.

Sua fauna de criações foi transformada em bonecos, lancheiras e camisetas, mostrando o interesse da indústria pop por esse Walt Disney asiático, que fez de Totoro seu Mickey. Um Mickey nada moralizante. Essa corrida pelas quinquilharias nerds do Ghibli ampliou a atenção de gibiterias por “Shuna’s Journey”.

Baseado numa lenda tibetana, a graphic novel narra o périplo de um príncipe para encontrar lima semente capaz de alimentar seu povo faminto. No percurso, ele se encontra por uma jovem chamada Thea. Ao salvá-la de seus captos, esse nobre, chamado Shuna, acaba se embrenhando em mil perigos nos rastros de uma divindade. Miyazaki assina os desenhos e o animador holandês Alex Dudok de Wit (de “A Tartaruga Vermelha”) traduziu os diálogos do mestre para o inglês. As boas vendas do título podem aumentar com a venda de ingressos de “O Rapaz e a Garça” e sua potencial conquista do Globo de Ouro.

'Tá escrito': Matheus Souza é a maior diversão

Cronista da juventude millennial, o diretor de 'Apenas o Fim' volta ao circuito com longa de fantasia estrelado por Larissa Manoela

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Responsável pela carta de intenções da geração Ctrl + Alt + Del do início dos anos 2000 (agora chamada Geração Millennial), expressa na forma do filme "Apenas o Fim" (2008), Matheus Souza virou uma espécie de Ferris Bueller no coletivo de cineastas autorais na ativa. A alusão ao personagem icônico de Matthew Broderick vem pelo fato de ele fazer de uma juventude que curte a vida adoidado (ou quase) seu foco. Seu novo longa-metragem, "Tá Escrito", segue essa linha, assumindo como sua protagonista uma das estrelas mais populares do país: Larissa Manoela. Assolada por polêmicas este ano, por conta de questões familiares, ela conduz um realizador acostumado a crônicas de costume geracionais pelas veredas da fantasia. Alice, sua personagem, é uma astrônoma que vê o mundo a seu redor virar um País das Maravilhas após ganhar



Divulgação

Matheus Souza chega à maturidade como realizador com 'Tá Escrito'

um livro mágico capaz de alterar a realidade à força do Zodíaco.

"Acima de tudo, eu sou um cara tentando evoluir e explorar o máximo de possibilidades de cinema que me for permitido", explica Matheus. "Eu tenho tido muita vontade de sair da minha zona de conforto do 'filme de diálogo' e das dramédias, para flertar com outros gêneros. Estou escrevendo um filme de terror agora, e, no 'Tá Escrito', consegui misturar minha comédia tradicional e meu estilo de diálogos com fantasia".

Cinefilia pop sempre foi um dos pontos fortes do diretor, que, em 2012, deslumbrou o Festival de Gramado "Eu Não Faço a Menor Ideia do Que Eu Tô Fazendo Com a Minha Vida" e bateu ponto em roteiros de sucessos como "Eduardo e Mônica" (2021).

"Eu sempre fui fã de filmes que misturam magia com dramas humanos identificáveis, de 'Feitiço do Tempo' a 'Palm Springs', passando por 'Todo Poderoso'. Além do universo mágico, o longa 'Tá Escrito' tem algumas sequências de ação, que é mais um gênero com o qual

sonho em trabalhar em um futuro breve. Tem também sequências com efeitos especiais. Tudo isso é muito novo pra mim, mas muito prazeroso. Por muito tempo, eu senti que nunca seria capaz de dirigir algo além de 'pessoas conversando'. No 'Tá Escrito', eu decidi me arriscar um pouco e nunca me diverti tanto em um set. Nas pré-estreias me bateu um certo pânico de como esse risco seria recebido pelo público, mas a recepção foi ótima. Enfim, sigo ansioso para testar cada vez mais novos gêneros sem nunca perder a minha cara".

Apoiado na direção de fotografia de Lícia Arosteguy, "Tá Escrito" apresenta Alice ao público no momento mais baixo de sua autoestima. Ela mora com a mãe (Karine Teles) e com o irmão (Kevin Vechiatto), que faz de tudo para atazanar sua vida. Seu sonho é conquistar o primeiro emprego e ir morar com o namorado (André Luiz Frambach). Mas seus planos vão por água abaixo quando ele termina o relacionamento com a moça para se dedicar à carreira. Em fase de derrota convulsiva, ela rece-

be um livro mágico que promete tornar realidade qualquer previsão astrológica escrita em suas páginas sem pautas. Com o poder de influenciar a todos, Alice se torna um fenômeno online, mas também deixa o mundo ao seu redor de cabeça para baixo. Bagunça até o coração de um dublê de empresário que almeja transformá-la em celebridade, Pedro, encarnado por um flamejante Victor Lamoglia. Todo serelepe em cena, ele é o sol que ilumina o estudo de Matheus sobre o limite que transforma um abraço em abrigo. Um estudo roteirizado pelo cineasta com Thuan Parente e Mariana Zatz.

"Eu comeci no cinema muito novo, escrevendo sobre minha própria geração, a millennial, de uma forma mais natural. Hoje já preciso me manter atualizado, sempre estudando os mais jovens, para conseguir escrever algo identificável para a chamada Gen Z. De qualquer forma, acho muito enriquecedor buscar entender e representar novas gerações", diz Matheus. "Todos os meus filmes têm dois temas em comum: conexão e comunicação.

Falo de pessoas querendo ou precisando se conectar com as outras. Mostro como elas precisam superar falhas de comunicação para alcançar o objetivo. Daí vem também minha mania de explorar e retratar o mundo das relações humanas através das redes sociais, que acaba dando um ar jovem para meus filmes. Difícil falar sobre comunicação/conexão sem levar em conta como as redes sociais - e cada rede nova criada - afetam esses temas".

Em sua direção mais madura, ele arranca de Larissa uma atuação que conversa com figuras icônicas das comédias juvenis hollywoodianas. "A Lari é um desses talentos que vira um gênero próprio, como 'um filme da Julia Roberts' ou 'um filme do Adam Sandler' ou 'um filme do Jim Carrey'. Independentemente do que se pense da cinematografia de qualquer um desses astros, há que se admitir que são talentos especiais. Poucos chegam nesse nível. Poucos conseguem gerar tanta identificação com o público", avalia o cineasta. "Além de brincar com o gênero da fantasia, aqui em 'Tá escrito' também explorei o gênero 'filme da Larissa Manoela'. Meu desafio era pensar como fazer o meu 'filme de Larissa Manoela'. O primeiro passo é tentar brincar com os clichês do gênero sem deixar o filme genérico. Misturar nossos estilos. O segundo, que sempre faço com minhas protagonistas, é estudar a persona delas. Entender o timing cômico, expressões, sorrisos, manias da Larissa. Elevar eles ao máximo e salpicar ao longo do filme, onde cada trejeito se encaixaria melhor de acordo com o roteiro. Foram muitos ensaios com uma dedicação exemplar por parte dela e fico muito grato pela confiança que ela depositou em mim".

ENTREVISTA / MARTA TORRES, ESCRITORA E CINEASTA

'Faltava dar voz e alma às plantas'

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

De passagem pelo Festival de Cannes deste ano, atrás de parceiros e olheiros para seus filmes (como o porreta "Dividir Para Saquear"), Marta Torres encontrou na literatura um veio a mais desaguar a mescla de realismo e fábula a partir da qual deixa transcender sua inquietação em relação as contradições deste mundo. Escrito em português e inglês, "O Romance do Pé-de-Rosa e a Bananeira", nova expedição da atriz e cineasta às Letras, apela pro antropomorfismo, com um quê de Hayao Miyazaki (o diretor de "A Viagem de Chihiro"), para falar da superação de obstáculos. O lançamento vai ser neste sábado, às 17h, no Estação Net Rio (Rua Voluntários da Pátria, 35), em grande estilo. Marta promove um encontro entre o mítico realizador Cacá Diegues, a advogada e ativista Marinete Franco, o fotojornalista Evandro Teixeira, o ator Lucas Leto, a atriz e influenciadora Pam Nascimento e a escritora Ezilda Melo para o lançamento. Cheia de referências cinéfilas, a autora brinda a prosa brasileira com um cordel em que animais, plantas e fenômenos naturais ganham emoções humanas de forma alegórica e fantástica. O poema é apresentado numa versão em inglês e inclui ilustrações para colorir, voltando-se para o público de todas as idades.

Na entrevista a seguir, Marta compartilha sua delicada inquietação e sua inquieta delicadeza com o Correio da Manhã.

De que maneira a sua relação com cinema, como realizadora, influi na sua forma de escrever literatura? Qual é o universo ao qual Pé-de-Rosa e a Bananeira se filiam?

Marta Torres: A literatura, o cinema e o direito na minha vida estão entrelaçados. Primeiro, veio a poesia; depois, o conhecimento das leis, funcionamento das instituições e defesa de casos de pessoas para conseguir atenção jurídica; finalmente, o cinema veio juntar esse mundo de fantasia com a realidade. Todas essas são formas diferentes da mesma coisa: contar histórias, desenvolver argumentos, expressar inquietudes. É nesse universo simbólico e surreal que "O Romance do Pé de Rosa e a Bananeira" surgiu. É uma forma alegórica e fantástica de convidar o leitor a se aventurar no cenário de um jardim e um apartamento, nos quais todos os seres vivos e fenômenos naturais ganham sentimentos humanos e ganham cores, que serão criadas pelo público leitor, passando assim a ser coautor dos personagens do livro.



Divulgação

De que forma a literatura norteia o seu olhar e onde a tua experiência da prosa carrega elementos regionais, marcas da sua história e da sua geografia?

Minha mãe é do sertão do Rio Grande do Norte. É psicóloga. Meu pai, do sertão pernambucano, é formado em Filosofia. Sou da terra das águas, Alagoas, e essa combinação está no ritmo, nas cores e nos assuntos dos meus livros e filmes, mesmo que tratem de coisas diferentes. É uma geografia semelhante à de Ariano Suassuna. A mãe dele e a

minha bisavó eram primas (do lado dos Dantas). Então era para esses lugares que minha mente viajava nas histórias de meus avós, que escreviam cordéis simples e adivinhações, contando eventos do cotidiano, sem muito estudo, porém, profundos em sentimento. Meu avô vendia farinha no mercado no centro de Maceió. Minha mãe fazia a melhor farofa do mundo quando íamos todos os fins de semana para a (até então reservada) Praia do Gunga. Ou quando íamos para lagoas tranquilas e piscinas naturais cheias de bi-

chos no mar, com que eu brincava como se fossem coleguinhas. Por isso, o diálogo com a natureza ao nosso redor é um assunto recorrente. A gastronomia, em nosso contato com o alimento, é tema destacado, e o modo de narrar está presente mesmo nos escritos de personagens de teatro ou filmes a que dei vida aqui ou fora do país, pois acredito que a cultura nordestina é uma forma particular de perceber o mundo e interagir com as pessoas e o universo ao redor.

De que maneira a Natureza se apresenta como personagem do livro?

Quando escrevi esse romance em cordel, estava concluindo o mestrado em Relações Sociais e Novos Direitos na UFBA, na linha de bioética com "uma reflexão sobre o direito à vida para além dos seres humanos". Questionava por que somente nós somos considerados dignos de ter o direito de viver, tratando as demais espécies vivas como coisas. A conclusão a que cheguei foi que damos valor a quem nós entendemos a linguagem. Uma vez que faltava dar voz e alma às plantas, a história desse romance veio resolver essa injustiça. Quem conta é uma abelha fofoqueira e só fala o que viu, a mais pura verdade!

Quais seriam seus planos atuais para o cinema?

Pretendo transformar esse livro em filme de animação. Este lançamento é o primeiro passo. Agora acabei de concluir (junto a Lindenberg Oliveira e a finalização de edição de Daniel Garcia), o curta "Sweet Suit California", filmado em Los Angeles, com atores de várias partes do mundo. Também produzido de forma independente, este é diferente dos demais, pois introduz o viés que virá nas próximas produções: o horror inspirado em histórias reais. Cresci em meio a uma grande desigualdade social e a casos absurdos, como essa exploração da Brasken em Alagoas, mais uma sociedade anônima que espalha corrupção e destruição, e quem lucra sai impune. É muito evidente que estamos em guerras internas enquanto as sociedades anônimas nos distraem e saqueiam nossas riquezas. Como falou meu professor de História do Cinema, em períodos de guerras o Cinema tende a histórias que nos perturbam. O curta que lançarei em 2024 aborda a vida nas grandes cidades, o uso das redes sociais, a saúde mental. Como Cacá Diegues disse, "o audiovisual é a maior bomba atômica do mundo moderno". Então dou spoiler: vem bomba por aí.

CRÍTICA / CINEMA / QUEM FIZER GANHA

Hilary Bronwyn Gayle/SMPSP

Por Pedro Sobreiro

Taika Waititi surgiu para o cinema mundial há quase uma década, quando suas comédias *indie* começaram a romper barreiras chegando a diferentes países e conquistando um grupo de fãs de seu estilo peculiar de humor e direção. Com o passar dos anos, ele chamou atenção da Marvel, que o convidou para salvar a franquia ‘Thor’, o que o credenciou a fazer projetos mais autorais, como o premiado ‘Jojo Rabbit’ (2019).

Entretanto, após a pandemia, o diretor parece ter perdido a mão e ainda não conseguiu emplacar um grande sucesso. Aquele estilo de humor que havia conquistado os fãs na década passada ficou repetitivo e agora ele pena para se reencontrar.

E depois do fracasso de crítica que foi ‘Thor: Amor & Trovão’ (2022), a impressão é que parte do público perdeu a paciência com o trabalho de Taika. Em meio a essas polêmicas, o diretor chega aos cinemas com sua nova empreitada, a dramédia esportiva ‘Quem Fizer Ganha’.

Inspirado em uma história real, o longa acompanha a seleção de futebol da Samoa Americana, a última equipe do ranking da FIFA, que detém o recorde da maior derrota da história dos jogos oficiais de futebol: um sofrido 31 x 0 ante a Austrália, nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 2002.

Dez anos depois, a seleção da ilha conseguiu ficar ainda pior. Então, para tentar a inédita classificação para a Copa do Mundo de 2014, eles passam a contar com a ajuda do controverso técnico holandês Thomas Rongen (Michael Fassbender), que vinha de uma punição pelo péssimo trabalho à frente da seleção dos EUA.

Thomas, um esquentadinho, chega com a missão de conseguir que o time faça ao menos um gol, enquanto tenta profissionalizar



Taika Waititi dirige **Michael Fassbender** e **Kaimana** nos sets de ‘**Quem Fizer Ganha**’, dramédia esportiva que chega hoje aos cinemas

Um gol para Taika Waititi



Divulgação

Michael Fassbender vive o papel de treinador da seleção de Samoa Americana, a pior do mundo

minimamente o futebol local.

Diante desse desafio e das diferenças culturais da ilha e do treinador, Taika faz valer seu estilo de humor expositivo, dando tempo de tela na construção das

piadas e repetindo bastante as situações. Há momentos em que funciona muito bem, mas chega um ponto em que fica repetitivo, aí cansa um pouco.

A trama é redondinha e

se apoia nos dramas pessoais dos jogadores mais exóticos do mundo, como um goleiro com sobrepeso, uma zagueira transexual, um volante que não consegue ficar sem dar carrinho e um

presidente da federação que trabalha nas mais diversas funções da ilha, enquanto mostra o treinador tentando se adaptar a essa nova vida na Samoa Americana.

O problema é que os dramas pessoais do treinador são postos de lado. E como é tudo conduzido pela ótica de Thomas, é complicado acompanhar um personagem que pouco evolui ao longo da trama, tendo sua vida resolvida em seis minutos na reta final do filme. Ainda assim, o carisma dos jogadores, brilhantemente interpretados por atores em grande parte da Nova Zelândia e da Indonésia, cativa quem assiste.

No fim das contas, ‘Quem Fizer Ganha’ é uma comédia que tem seus momentos de brilho, mas sofre com uma direção que mais parece de alguém tentando fazer uma paródia do estilo que popularizou Taika Waititi no cinema mundial. E mesmo com esse ponto baixo, a história é tão boa e os personagens tão interessantes, que o filme consegue entreter e até mesmo arrancar algumas lágrimas inesperadas. É aquela típica aventura leve, estilo Sessão da Tarde, que não vai mudar a vida de ninguém, mas certamente vai divertir.

Divulgação



Em 'Blackhat Hacker', Chris Hemsworth é um cibercriminoso que entra em ação para impedir uma conspiração

Segunda chance para Michael Mann

Streaming acolhe o rejeitado 'Hacker', um dos maiores fracassos de um cineasta alçado a cult

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Trailers de "Ferrari", com o americano Adam Driver, a espanhola Penélope Cruz e o brasileiro Gabriel Leone, mobilizam as atenções dos cinéfilos de todo o Brasil para o novo filme da grife Michael Kenneth Mann, realizador de "O Informante" (1999), que anda mobilizando também as livrarias do país, graças ao lançamento (pela editora HarperCollins) de sua experiência no terreno da prosa. Redigida em duo com a escritora Meg Gardiner, ela se chama "Heat 2: A Novel", e saiu lá fora pela editora William Morrow & Company, de carona no culto em torno do filme "Fogo Contra Fogo" (1995).

Foi um dos longas de maior prestígio do cineasta, que goza de um prestígio singular como midas da ação e da velocidade embora tenha naufragado feio nas bilheteiras. Na straminguesfera brasileira, acaba de entrar em venda e aluguel, via Amazon Prime, o maior fracasso de Mann, que, segundo parte da crítica, é um de seus exercícios mais maduros na seara autoral da direção: "Hacker" ("Blackhat", 2015). Enquanto o drama biográfico sobre Enzo Ferrari (Driver) não estreia aqui, pois só vai ser lançado oficialmente no dia 8 de fevereiro, vale tentar entender onde Mann errou. Se é que errou, pois, no streaming, o thriller com Chris Hemsworth (o eterno Thor) se agiganta.

Embora avance a passos de tartaruga, com hiatos de até seis anos

entre um longa-metragem e outro, a filmografia de Mann alcançou, de "O Último dos Moicanos" (1992) para cá, prestígio invejável entre os realizadores ligados ao cinema de ação. Talvez só Sam Peckinpah (1925-1984), entre os gigantes do moderno cinema americano, e John Woo, entre os mestres orientais, gozem de um reconhecimento tão grande num filão tão vilipendiado pela crítica e pela academia. Mas como raros são os cineastas capazes de enquadrar uma sequência de tiroteio ou de perseguição com a precisão aritmética de Mann, cada exercício novo dele à direção é saudado como um colírio para os olhos, enxaguando lugares comuns de filmagem, extraindo de seus astros atuações magistrais. Tem sido assim sobretudo depois do já citado

"Fogo Contra Fogo", no qual ele foi o pioneiro em colocar Robert De Niro na mira de Al Pacino. Mas com "Hacker" ("Blackhat" no original), o reconhecimento foi menor, como atestaram os sofríveis números de bilheteria contabilizados pela produção de US\$ 70 milhões mundo afora. Sua arrecadação mal chegou a US\$ 20 milhões, o que faz dela um dos maiores fracassos de Hollywood desta década.

No momento em que "De Volta Ao Jogo" (2014), o primeiro "John Wick" emplacava no miocárdio de Hollywood (e do mundo), parecia estranho o desdém a um estilo de filmar tão frenético quanto a estética clipada, pós-MTV, que os filmes de ação assimilaram. Numa elegância talvez só equiparada à de Brian De Palma, Mann é um esteta do movimento. A ação para ele é um parque de diversão onde a velocidade pode ser reverenciada (documentada e fragmentada) por

suas lentes em planos distendidos, onde cada gesto de pistoleiros com dedos no gatilho são rituais.

Apoiado num roteiro envolvente, "Hacker" assume como seu objeto de estudo a prática de hackear a privacidade (bancária e política) alheia a partir de softwares. Para muitos, pareceram sacais cenas em que o presidiário Nick Hathaway (Hemsworth) aparece frente a uma tela de computador, lutando para decifrar um código numérico ligado a um atentado terrorista na China. Sinal dos tempos: um vício de olhar banalizou tanto certas imagens que, hoje, quando apresentadas sob uma abordagem mais requintada, ela soa invisível. Mas por sob a invisibilidade de um certo esnobismo das plateias residem momentos de tensão descompassantes, nos quais Mann organiza um thriller com um timbre de suspense psicológico só alcançado no grande cinema americano dos anos 1970 (à la "Os três dias do Condor", de Sydney Pollack, ou "The Parallax View", de Alan J. Pakula) somado a trechos com cheiro de chumbo pela brutalidade de tiroteios.

Seu enredo se concentra nas horas em que Hathaway é liberado da prisão para ajudar o FBI a desvendar o culpado por uma prática de terror na Ásia. Tudo acontece porque o terrorista, cuja identidade precisa ser desmascarada, usa um sistema de hackeamento similar a um criado, no passado, por Hathaway, o que ocasionou sua prisão. Numa atuação irretocável de Hemsworth, Hathaway é um anti-herói relutante, sem meta aparente que não esticar seu prazo em liberdade. Mas, pouco a pouco, suas ambições ganham outro rumo – um rumo mais altruísta – conforme ele vai se dando conta do perigo real e imediato de que a Humanidade (assim com "H", em peso) corre com o maníaco da internet à solta, explodindo bombas aqui e acolá. É neste momento que o espectador se dá conta de estar vendo não um amontoado de tiros e fugas e sim um tratado sobre a paranoia institucionalizada via web.

Musical resgata tipos e personagens que fizeram enorme sucesso no Brasil dos anos 1950

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

Atlântida, a um ouvido mais desavisado, pode parecer o nome do reino mítico, a lendária ilha mencionada por Platão. Há 20 anos, quando escrita e encenada pela primeira vez “Atlântida – O Reino da Chanchada”, de Ana Velloso e Vera Novello, trouxe à luz uma das mais importantes produtoras brasileiras, seja pela criação de plateia, seja pela criação de um gênero, a chanchada, caracterizado pelo humor, pelos números musicais e pelos quiproquós.

A atual versão, “Atlântida – Uma Comédia Musical”, está mais condizente com a proposta da nova montagem, que tem direção de Ana Velloso e Édio Nunes (que também assina a Coreografia). E em um momento no qual a comédia foi praticamente eliminada da TV aberta e do nosso cinema, a importância do riso e da comédia cresce ainda mais.

A peça retoma temas, figurinos, histórias, músicas e personagens que eram típicos de gêneros que foram arrasa-quarteirões durante décadas: o teatro de revista e o cinema nacional. O musical tem a capacidade de fazer o chamado junto e misturado com leveza e coerência pois o canto, a dança, as trapalhadas e o foco nos tipos emblemáticos da cidade, ancorados no riso são um acerto.

Sobre essa relação, do tudo junto e misturado, falam com exclusividade ao Correio da Manhã, os três criadores da peça: Édio Nunes, Ana Velloso e Vera Novello.



“Atlântida - Uma Comédia Musical” tem nova montagem em momento que a comédia perde espaço na TV aberta

Rir é o melhor remédio

Édio Nunes é um bailarino extraordinário que se junta ao seu talento de criador, ator, diretor, coreógrafo. “Estreei no ‘Teatro Musical Brasileiro II’, em 1994, de Luiz Antônio Martinez Correa, e ali, retratando aquela pesquisa Revisto/Chanchadeira, tive o meu primeiro encontro com o gênero”, recorda.

Para ele, é sempre uma grande responsabilidade, tentar trazer a atmosfera do que esses gigantes viveram, do improviso, do originalismo e da identidade

artística. “É um misto de reverência, risco, aprendizado e de cumplicidade com os colegas. Sinto que ser engraçado, não é fazer graça, é confiar no texto e na situação que a cena propõe, a decisão final fica literalmente nas mãos do público”, completa.

Ana Velloso nutre paixão pelo musical desde sempre. Atriz, produtora, diretora e autora de textos importantes por tratarem de locais e artistas emblemáticos, ela discorre sobre a chanchada. “Do ponto de vista histórico, a chan-

chada e o Teatro de Revista já estão misturados! Os dois gêneros estão amplamente conectados, sobretudo quando falamos dos números musicais, do tipo de humor ingênuo e popular. Realizar um espetáculo musical que resgata as Chanchadas da Atlântida, e fazer isso num formato bem revisteyro, é uma forma de celebrar nossa brasilidade, e o espírito irreverente do artista (e do povo) brasileiro, que sempre soube, como ninguém, falar das próprias dores com leveza e bom humor”.

Vera Novello compõe a bem-sucedida parceria com Ana. Atriz premiada e corajosa produtora, ela lembra que muitos atores talentosíssimos transitaram pelo teatro de revista e pelos sets da Atlântida. “Tanto nas revistas quanto nas chanchadas a crítica à sociedade é feita com muito humor, irreverência e música. A ordem era parodiar, improvisar, se divertir. A vontade de fazer no Brasil o que se fazia lá fora - no teatro e no cinema - sempre resultou em obras que nunca alcançariam aquele ideal de perfeição”,

comenta. “Estes artistas vinham de classes populares e um público popular se sentia representado na cena ou na tela, por isso tanto sucesso. O que veio depois foi um movimento artístico que pretendia ser mais intelectualizado, que queria descobrir a cara do Brasil, que o teatro de revista e as chanchadas já conheciam tão bem. Durante um bom tempo houve preconceito contra estes artistas mais populares, mas felizmente hoje entendemos a importância do Teatro de Revista e das Chanchadas. Rir sempre foi a prova dos nove!”, conclui.

SERVIÇO

ATLÂNTIDA - UMA COMÉDIA MUSICAL

Teatro Dulcina (Rua Alcindo Guanabara, 17 - Cinelândia)
Até 16/12, sexta e sábado (19h) e domingo (18h), com matinê no dia 16 (16h30) e sessão com tradução em Libras e audiodescrição no dia 16/12 (19h)
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

CRÍTICA / TEATRO / ANGU

Um angu sem caroço

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Sujeira, meleca, grude, mal feito que deu errado, comida ruim, desanimado, desmotivado. Bixa, veado, boiola, invertido, uranista, pederasta, entendido, sodomita, maricas, afeminado, baitola, fresco, mariquinha. Carvão, tiziu, macaco, tição, asfalto, urubu, escurinho... Como fazer dessas palavras ofensivas e seus significados de diminuição, humilhação, um texto que conduz um espetáculo certo, positivo, reflexivo e importante?



Divulgação

A realidade das bixas pretas é o foco de 'Angu'

Escrito e dirigido por Rodrigo França, com Alexandre Paz e Orlando Caldeira, "Angu" constrói um inteligente e emocionante libelo que coloca no centro a seguinte questão: o que é o universo de uma bixa preta? O sofrimento, a vergonha, os maus tratos que estão no dia-a-dia, ao nosso lado, em nos-

so trabalhos, amigos e família, como são sentidos e vistos por quem é vítima. A construção dramática cria as vozes ao contar seis histórias e revelam ao espectador uma visão de 360 graus. Uma joia.

As atuações de Alexandre e Orlando dão uma dimensão alargada às questões que

o texto e a direção de Rodrigo apontam. Há paródias, dramas, troca de papéis sociais, inversões que os dois atores levantam e cortam com categoria de medalhistas olímpicos do vôlei. Não há lamentos, nem vitimização. Há fatos, há poesia que se apoiam nas imagens projetadas.

As figuras homenageadas estão longe de cumprir qualquer tipo de estereótipo, seja aquele do imaginário que todo homem negro e heterossexual é viril, seja aquele do homossexual "mulherzinha". Lá estão as histórias e as imagens de Madame Satã; Gilberto França; o bailarino Reinaldo Pepe; Rolando Faria e Luiz Antonio (Queer Les Etoiles) e Jorge Laffond. Assim, "Angu" é uma peça com todos os melhores elementos do teatro: dramaturgia, direção, expressão, atores que se complementam nos depoimentos pessoais, de uma beleza ímpar, de Alexandre e Orlando.

SERVIÇO

ANGU

Futuros - Arte e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63 - Flamengo)

Até 17/12, de sexta a domingo (20h) | Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Mulher palhaça

A nona edição do festival internacional Esse monte de mulher palhaça, criado pelo grupo "As Maria da Graça", primeiro grupo de palhaças mulheres que se tem notícia, vai até domingo (17), no Sesc Tijuca, com entrada franca. O evento reúne espetáculos feitos exclusivamente por mulheres palhaças, vindas de várias partes do Brasil e do mundo. Nesta sexta (15), a programação conta "Rodando" (Argentina), às 16h; "As Charlatonas" (Palmas, TO), às 17h30; e Clowns en la Pista del Swing (Chile), às 19h.

Divulgação



Divulgação

Batalha de breaking

A primeira edição da competição "Breaking Battle Brasil" será realizada, neste sábado e domingo (16 e 17), no Centro de Movimento Deborah Colker, na Glória. O evento é organizado pelo projeto Breaking Social Brasil, que promove o treinamento artístico-esportivo de jovens com o objetivo de encontrar e desenvolver atletas olímpicos. Na competição, os b-boys e b-girls participarão de rodas abertas ao público, no dia 16/12, quando serão selecionados os participantes das finais do dia 17/12. Mais informações e ingressos gratuitos no site www.breakingbrasil.com.br

Reinaldo Azevedo/Divulgação



Dança é inclusão

A Cia Down Dance, formada há oito anos em Cabo Frio, chega ao Rio pela primeira vez, para mostrar que não há preconceito que nos impeçam de viver e de buscar nossos sonhos. Composta por 15 bailarinos PCD, maioria com síndrome de down, a companhia apresenta o espetáculo inédito "Meu Mundo Down", quinta montagem da Cia, idealizado, dirigido e coreografado por Allan Lobato, dia 20 de dezembro, às 19h, no Teatro Vannucci. Ao adotar o ensino de dança para pessoas com deficiência, Allan criou uma própria metodologia de ensino, aplicada em seus alunos.

Convenção da bicharada

PRIMEIRA PARTE

Era uma vez, numa floresta distante 'pra' burro, onde se reunia a bicharada provinda da Arca de Noé para sua convenção anual. Ali, felizes, alegres e contentes embalados pela trilha sonora da Arca de Noé do inigualável Vininha, afinal, o brasileiro é musical e a bicharada não fica atrás. Toda primavera, pontualmente, estavam todos lá, em pares, para seu reencontro anual. Uma festa: muita água puríssima e abundante das cheias dos rios, mato verde, pasto copioso, frutas e muito mais.

Todo ano era assim até que o homem e seu dedo, sua mão, sua mente, talvez até corpo inteiro de pântano resolveu queimar a mata. Papagaio se o homem é assim, não devia, não poderia, não pode.

O homem conta histórias para o boi dormir enquanto a vaca vai para o brejo. Canta de galo, dizendo ser sabedor do comportamento da natureza, mas, na verdade, abraça-a como urso ou tamanduá. Vem cutucando a onça com vara curta, achando que é cobra criada, sabichão, pai coruja, não percebe que Deus não dá asa a cobra e que cobra a colheita da sementeira.

Está lá em Eclesiastes (Eclesiastes 3:1-8): "Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu./... tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou;/...tempo de derrubar, e tempo de edificar;/...Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo...".

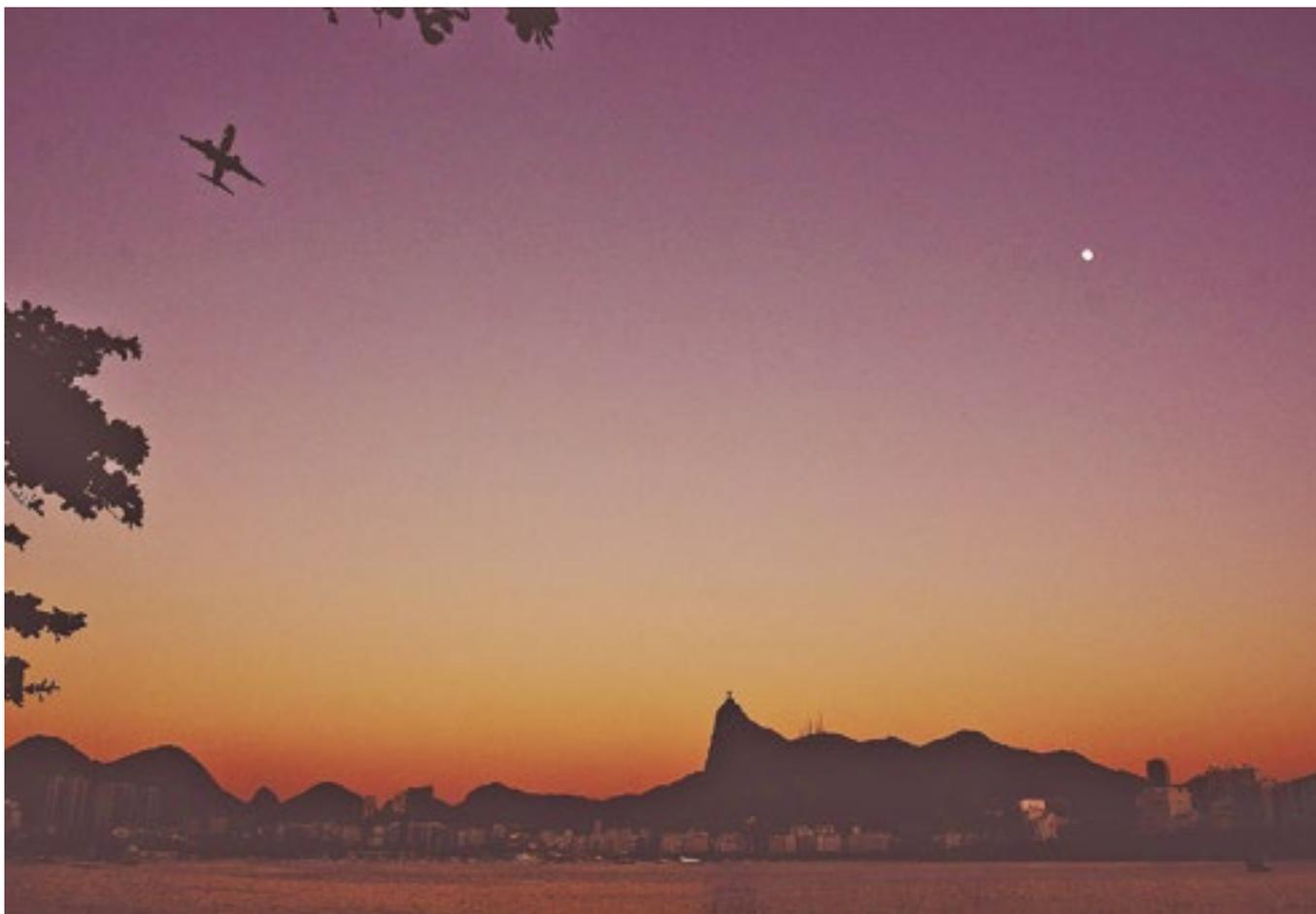
Por que o homem não louva-a-deus? Por que insiste em sacrificar sua criação divina?

Cuidar da natureza não é nenhum bicho de sete cabeças, não requer prática nem, tampouco habilidade, qualquer criança brinca e se diverte como diria qualquer bom camelô da cidade grande — e viva Senhor Abravanel. Por que está tão negligenciada?

Será que não percebe que dará com os burros n'água agindo feito barata tonta, ou suas lágrimas de crocodilo não o deixam ver? Os olhos de águia andam deficientes de te ver, embotados pela fuligem e fumaça que sobe da mata? Mata que hoje é uma brasa, mora ou não mais há como morar em suas 'dependências'.

Sua cabeça de bacalhau, a mente de passarinho e a memória de peixe são total contraponto à memória de elefante do meio ambiente. Trata-o como amigo da onça não percebendo que age como uma anta, tamanha é a asneira que vem praticando.

(continua...)



Uma dinâmica inquietante

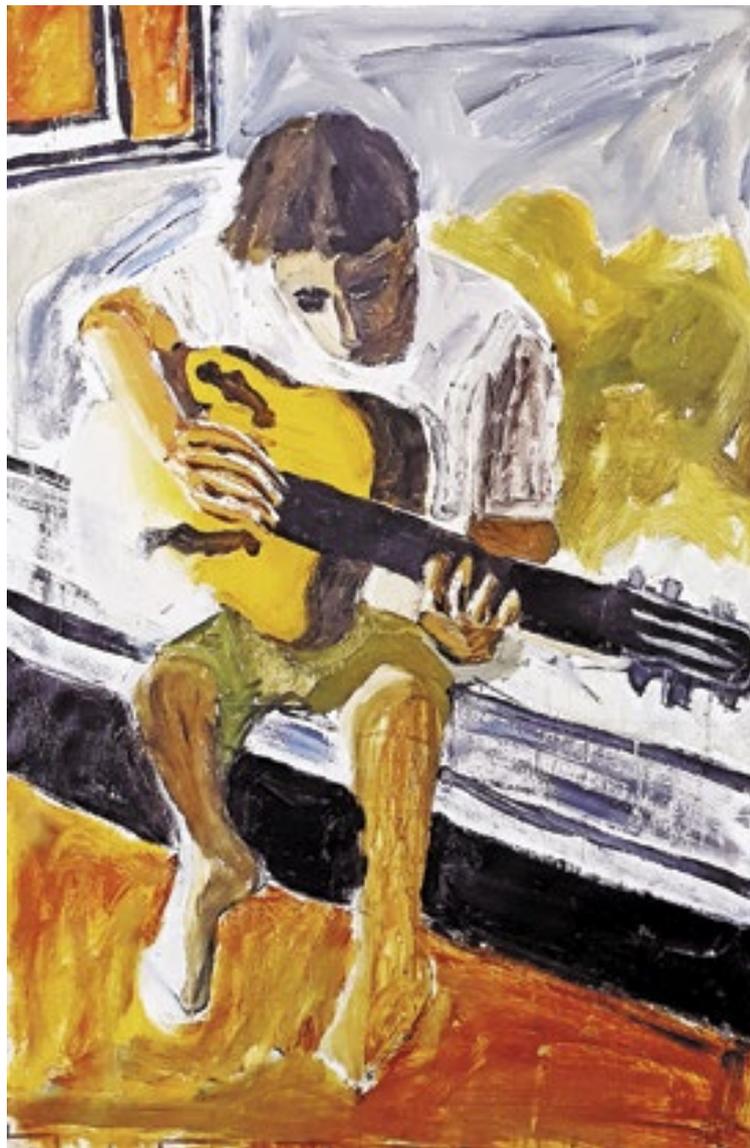
Na exposição 'A Invenção de Si', Bernardo Sá Earp apresenta seus trabalhos de desenho, pintura e escultura

O artista Bernardo Sá Earp ocupa o Centro Cultural Correios RJ com a exposição "A Invenção de Si", apresentando trabalhos de desenho, pintura e escultura, totalizando cerca de 40 obras, construídas ao longo dos seus mais de 10 anos de atividade nas artes visuais. A exposição fica em cartaz até 20 de janeiro.

Ao que se refere a sua linguagem poética pode-se apontar para expressividade e para crítica social contemporânea. Cores latentes, personagens fantasmas e cenas do cotidiano são presenças marcantes na composição das obras desta mostra, que pretende reverberar os campos de forças que podem haver em trabalhos artísticos que fogem da estética funcionalista contemporânea", define a curadora Cota Azevedo.

A exposição busca falar do existencialismo humano e de como a arte é pulsão da vida e vice-versa.

A ideia da liberdade criativa da "A invenção de Si" pode ser percebida desde da escolha da paleta de cor ao traço desconstruído da imagem. "O que se pode observar no conjunto exibido, ainda, será uma dinâmica



discursiva filosófica inquietante e que tensiona o conceito: O que é o ser arte?", prossegue a curadora, que convida o público a perceber a interação fascinante entre cores latentes, personagens fantasmáticos e cenas do cotidiano. "Esses elementos não apenas adornam as telas, mas também um diálogo sobre os campos de forças artísticas e a estética contemporânea", explica.

Petropolitano atualmente residindo no Rio, Bernardo Sá Earp é escritor, além de artista plástico, o que explica em parte a linguagem poética expressiva em

sua obra. As questões existenciais humanas aliadas aos temas sócio-políticos são assuntos centrais em seus trabalhos. Assumidamente influenciado pelo movimento Fluxus, dos anos 1960, passa a usar a pop-arte também como referencial criativo.

SERVIÇO

A INVENÇÃO DE SI
Centro Cultural Correios RJ
(Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro)
Até 20/1/2024, de terça a sábado (12h às 19h)
Entrada franca



Diferentes ceias para diferentes paladares

Por Natasha Sobrinho
 (@restaurants_to_love)

Especial para o Correio da Manhã

Veja um roteiro com cinco sugestões de pratos para um Natal inesquecível

Com o fim do ano se aproximando e as comemorações batendo à porta, uma dúvida é certa: o que fazer para a ceia de Natal? Já que a celebração pede uma mesa farta, a saída é encomendar os pratos e se preocupar apenas com a escolha do cardápio. Para isso, o Correio da Manhã listou cinco sugestões de ceias, para todo tipo de gosto, para facilitar a sua vida na hora da escolha. Confira abaixo:



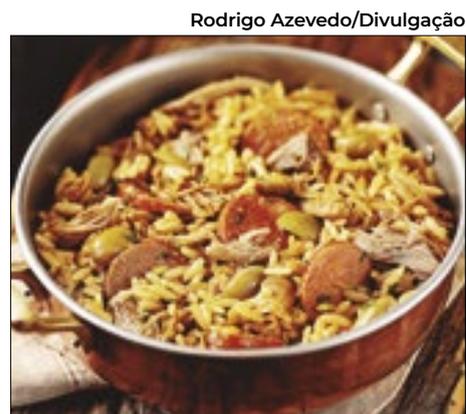
Divulgação

Arab



Estúdio O Caso/Divulgação

Vegan Vegan



Rodrigo Azevedo/Divulgação

Jobi

Ceia árabe

ARAB - Que tal uma ceia de Natal ou Ano Novo com menu árabe? A chef Vivian Arab, do restaurante Arab, está aceitando encomendas dos seus pratos tradicionais de saborosos, mas o melhor de tudo é que tudo pode ser levado na hora. Entre as opções de entrada estão: Tabboule Sírio; Salada de couscous libanês; Hommus (pasta de grão de bico) e Baba Ghanousch (pasta de beringela); Quibe Cru e carminha c/cebola, cebolinha e hortelã; Míni Quibe (carne ou catupiry ou vegano ou vegetariano); Burreka de queijo; fôlhado de cordeiro queijo de cabra e damasco; Salada de bacalhau c/pimentão, azeitona e grão de bico entre outras opções. Já para principal as sugestões são: Arroz com Lentilha e cebola frita ou açafraão com amêndoas torradas; Pilaf de cordeiro, hortelã e grão-de-bico e amêndoas torradas; Kafta de carne de picanha ou de Kafta de frango da fazenda; Folha de uva e

Folha de repolho recheada c/carne, arroz e especiarias; bacalhau com grão de bico, cebolas douradas, azeitonas e ovos ao forno, entre outros. O valor do quilo é R\$ 130 e o cento do salgado R\$ 360 ou R\$ 395, dependendo do pedido. As encomendas para o Natal podem ser feitas até dia 23 e para o Ano Novo até dia 30, pelo telefone: (21) 2235-6698.

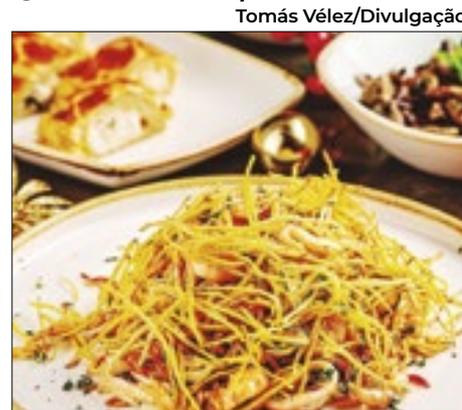
Ceia mediterrânea

ESCAMA - O restaurante preparou um menu completo, sob encomenda, para tornar a Ceia de Natal ainda mais saborosas junto à família e amigos. Para dar início, as saladas de grão de bico com bacalhau (R\$ 110/500g, lentilha com polvo e mexilhão (R\$ 190/500g), Waldorf com camarão confit (R\$ 190,/500g) e salpicão de batata doce com frutos do mar (R\$ 190,00/500g). O arroz ganha versões especiais, como a de Bacalhau (R\$ 490/Kg) feito com arroz jasmim,



Tomás Rangel/Divulgação

Quinta da Henriqueta



Tomás Vélez/Divulgação

Escama

bacalhau, arroz cremoso, batata baroa fiapo e azeitonas pretas; de Cordeiro (R\$ 490 /Kg) preparado com arroz pérola, paleta braseada, vinho tinto, cebola roxa assada e cogumelo Paris; de Polvo (R\$ 530/kg) que leva arroz pérola, linguça portuguesa, brócolis e tomatinhos assados; e de Frutos do Mar (R\$ 530/Kg) com arroz jasmim, polvo, lula, camarão, bisque e champagne. Tem também o Arroz maluco natalino (R\$ 300/Kg) que leva bacon, cebola, ovo, batata fiapo e talo de cebolinha. As encomendas podem ser feitas até o dia 21 de dezembro, para o Natal, e até o dia 28 de dezembro, para o Réveillon. Para pedidos e mais informações, entre em contato pelo telefone (21) 99753-6126.

Ceia de Bar

JOBÍ E JOBÁ - Os dois bares montaram um menu especial para a ceia de Natal. Começando pelas entradinhas, tem o bolinho

de bacalhau (R\$ 57); bolinho de alheira com linguça portuguesa (R\$ 72); e bolinho de pernil (R\$ 51). Todos em porções de 6 unidades. Para o prato principal, há opções de todos os gostos e tamanhos, como o pernil assado com 4 kg (R\$ 170); o arroz malandrinho de bacalhau (R\$ 220) e o arroz de pato d (R\$ 138). As encomendas para o Natal podem ser feitas até o dia 21/12 pelo telefone (21) 2274-0547

Ceia portuguesa

QUINTA DA HENRIQUETA - O novo restaurante português, no Jardim Botânico, preparou um menu especial, sob encomenda, com os tradicionais pratos portugueses para a ceia de Natal. As sugestões de entradas são Pastel aberto de bacalhau ou pato com piri piri (R\$ 80 -4unidades), Risole de camarão (R\$ 80 - 4 unidades), Bolinhos de bacalhau (R\$ 240 -50 unidades), Punheta de bacalhau (R\$ 250) entre outros. Na parte dos principais, opções de pratos para quatro pessoas como: o Arroz de Pato (R\$ 300), Bacalhau Tasca (R\$ 700), Arroz de Pato Tia Alice (R\$ 300), Bacalhau dos Sócios (R\$ 700), Bacalhau à Portuguesa (R\$ 700), Bacalhau com Natas (R\$ 480), Bacalhau Espiritual (R\$ 480), Bacalhau à Lagareiro (R\$ 700).A seção das sobremesas tem Pastel de Natas (R\$ 80/5 unidades), Toucinho do Céu (R\$ 150/4 unidades ou R\$ 300/10 unidades), Pastel de Natas com Nutella (R\$ 120/6 unidades) .As encomendas podem ser feitas até o dia 23/12, às 12h, pelos telefones (21) 2137-7493.

Ceia Vegana

VEGAN VEGAN - Entre as novidades disponíveis para o cardápio de Natal, está uma seleção de entradinhas à base de plantas. É o caso do Kit Salgados (R\$ 136) - 8 bolinhos de feijoada, 8 croquetes de quinoa com oraprop-nóbis e 2 pães de alho - e o Falafel do Chef (R\$ 80) - bolinhos de grão de bico acompanhados de molho de tahine, limão e alho. Já entre os principais, destaque para o Lombo de Seitan (R\$ 170) - recheado com tofu defumado, acompanha molho de laranja, nozes, ameixa, damasco e pimenta biquinho -, o Quiche de Palmito (R\$ 168,00) - sem glúten e o Rocambole (R\$ 170) - feito com massa de grão de bico, recheado com brócolis e acompanha molho de amêndoas com manjeriço. Entre os acompanhamentos, a sugestão da casa fica é a Farofa Natalina (R\$ 85). O menu natalino pode ser encomendado pelo WhatsApp (21) 97145-0669 . Os pedidos podem ser feitos até o dia 18/12, com entregas previstas para os dias 21, 22 e 23.